

PNEUMOLOGIA**3109****STEPPING IS A DISCRIMINATIVE FIELD EXERCISE MODALITY WITH SIMILAR PERFORMANCE COMPARED TO 6-MWT TO PREDICT LOW RISK IN PH**LÍLIA CUNHA CÉ; DANILO CORTOZI BERTON; ELISA SCHROEDER; MARLI MARIA KNORST; IGOR GORSKI BENEDETTO; MARCELO BASSO GAZZANA
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introduction: Current risk assessment of patients with pulmonary hypertension (PH) includes exercise testing involving technology (cardiopulmonary exercise testing; CPET) or field test that demands a substantial hallway length (6-minute walk test; 6-MWT). Step (ST) and sit-to-stand tests (STST) have been used to evaluate the functional capacity in chronic respiratory diseases but their prognostic performance in these patients remains to be determined.

Objectives: The aim of the study was to examine the utility of STST and ST in prognostic evaluation of patients with group 1 and 4 PH in relation to peak aerobic capacity.

Methods: Cross-sectional study including stable patients with Group 1 or 4 PH. All patients underwent a symptom-limited cycling CPET, 6-MWT, 1 minute STST and symptom-limited ST (to a maximum of 200 steps) in 2 experimental visits, at least, 48 hours apart. The research project was submitted and approved by Hospital de Clínicas de Porto Alegre ethics committee. Written informed consent was obtained from all participants.

Results: 27 patients were included (49±13 years-old, 60% ♀, 52% PAH, mean pulmonary arterial pressure 49.6±12.8mmHg). ST and 6-MWT distance were significantly related to peak O₂ uptake (p \dot{V} O₂) while STST was not. The optimal cutoff (Youden index) to predict low risk mortality (p \dot{V} O₂ >15mL/kg/min) using receiver operating characteristic (ROC) curve analysis for ST and 6-MWT was >73 steps (area under the curve (AUC)=0.915; CI95%=0.742- 0.987; p<0.001) and 433m (AUC=0.852; CI95%= 0.648- 0.962; p<0.001), respectively.

Conclusion: Stepping proved to be an easier strategy demanding less space with similar performance to predict low risk compared to 6-MWT in patients with Group 1 and 4 PH.

3254**AVALIAÇÃO PRECOCE DA FUNÇÃO PULMONAR E CAPACIDADE DE EXERCÍCIO APÓS COVID-19**GUILHERME MOREIRA-HETZEL; GABRIEL DA SILVA VIANA; MARCELLA LOPORCHIO SCHERER; IGOR BENEDETTO; MARCELO B GAZZANA; DANILO C BERTON
HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O SARS-CoV-2 é um coronavírus emergente causador da doença conhecida como COVID-19 que tem potencial de causar síndrome respiratória aguda grave (≈14%). A repercussão da doença após resolução do quadro agudo sobre a função pulmonar precisa ser determinada.

Objetivos: É um projeto multicêntrico que pretende avaliar a função pulmonar, capacidade de exercício e a presença de sintomas respiratórios precoce (entre 2-6 meses) e tardiamente (9-15 meses) em pacientes que tiveram infecção sintomática por SARS-CoV-2 no estado do Rio Grande do Sul (ClinicalTrials.gov: NCT04410107). A presente submissão apresenta os resultados preliminares dos primeiros pacientes avaliados precocemente no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

Metodologia: Coorte prospectiva de indivíduos que tiveram doença sintomática e confirmação laboratorial de COVID-19 por RT-PCR de swab de rinofaringe. Os participantes realizaram espirometria, pletismografia corpórea, capacidade de difusão pulmonar do monóxido de carbono (DLCO) e teste de caminhada dos 6 minutos (TC6min) após 2-3 meses do quadro agudo de COVID-19.

Resultado: foram avaliados 10 pacientes (5 homens) com idade média de 56,4±12,3 anos, sendo 4 tabagistas ativos ou em cessação. 7 apresentaram COVID-19 grave com internação hospitalar e 4 receberam cuidados intensivos com ventilação mecânica invasiva. As comorbidades mais frequentes foram HAS (30%) e DPOC (20%). Os valores de função pulmonar e capacidade de exercício foram: volume expiratório forçado no 1s= 92±22; capacidade vital forçada= 108±30; capacidade pulmonar total (CPT)= 87±11; volume residual= 82±28; DLCO= 78±12 (todas unidades anteriores em % do previsto) e distância no TC6min= 450±64m. Embora os valores médios estejam dentro da normalidade, 3 pacientes apresentaram distúrbio ventilatório restritivo (↓CPT), dois destes com ↓ isolada da DLCO e dessaturação significativa da oxihemoglobina por oximetria de pulso (≥4%) durante o TC6min (verificada num total de 4 participantes).

Conclusão: Os resultados preliminares apontam que uma parcela de indivíduos (5/10=50%) apresenta alterações da função respiratória compatível com distúrbio ventilatório restritivo e/ou alteração da troca gasosa no repouso ou exercício em avaliação precoce após quadro agudo de COVID-19. A natureza evolutiva dessas alterações (remissão, estabilização ou progressão) pode ser determinada na continuidade desse estudo.

3289**EFEITO DO USO ESTENDIDO DE AZITROMICINA PARA PREVENIR EXACERBAÇÕES DA DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA**PEDRO OLIVO NETO; BRUNO BARON SPOLIDORO; DANILO CORTOZI BERTON; MARLI MARIA KNORST
HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: As exacerbações da doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) estão associadas com aumento de morbimortalidade e de custos com a saúde e declínio da função pulmonar. Azitromicina profilática é usada para reduzir as

exacerbações da doença, porém os efeitos do tratamento estendido não são conhecidos. Objetivo: Avaliar o impacto do uso de azitromicina profilática, com duração estendida por até dois anos, nas exacerbações da DPOC. Métodos: Estudo de coorte retrospectivo incluindo 79 pacientes com DPOC que usaram azitromicina de manutenção (500 mg três vezes por semana) por um ano e destes, 57 usaram por dois anos. Os pacientes incluídos tiveram pelo menos duas exacerbações tratadas ambulatorialmente ou uma que necessitou de hospitalização no ano anterior (fenótipo de exacerbador). O número e a gravidade das exacerbações 12 meses antes e 12 e 24 meses após o início da azitromicina foram identificados no prontuário eletrônico dos pacientes. Um $p > 0,05$ foi considerado estatisticamente significativo. Resultados: A idade dos pacientes foi de 65 ± 9 anos, todos os pacientes eram ex-fumantes (55 ± 32 maços-ano), a capacidade vital forçada (CVF) foi de $1,90 \pm 0,60$ l ($57 \pm 17\%$ do previsto), o volume expiratório forçado no primeiro segundo (VEF 1) foi de $0,83 \pm 0,32$ ($32 \pm 12\%$ do previsto) e a relação VEF 1 /CVF foi de $44 \pm 12\%$. No seguimento, 45 de 79 pacientes (57%) em uso de azitromicina apresentavam fenótipo exacerbador aos 12 meses e 35 de pacientes 57 (61,4%) aos 24 meses. O número de exacerbações foi $3,86 \pm 2,13$ nos 12 meses anteriores ao uso da azitromicina, $1,76 \pm 1,99$ no ano após o início do tratamento e $1,47 \pm 1,68$ no segundo ano do tratamento ($p < 0,0001$). A azitromicina reduziu tanto as exacerbações graves quanto as moderadas ($p < 0,05$). Conclusões: Nossos resultados mostraram que a azitromicina reduziu significativamente as exacerbações moderadas e graves da DPOC aos 12 e 24 meses de tratamento, em um cenário do mundo real.

PSICOLOGIA

2281

ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA E AUTOLESÃO NÃO SUICIDA: A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS

JÉSSICA RODRIGUES GOMES; MARIANA LIMA CORRÊA; SIMONE DOS SANTOS PALUDO
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

INTRODUÇÃO: As redes sociais representam um importante espaço de socialização e disseminação de comportamentos na adolescência contemporânea. Uma vez que a autolesão não suicida (ANS) está retratada nas mídias sociais, tal fato pode influenciar os adolescentes a realizarem a prática. A ANS é definida pelo comportamento do indivíduo em provocar lesões em seu próprio corpo, sem a intenção de suicídio, sendo maior em adolescentes. A literatura tem sugerido que os pares possuem influência no engajamento de ANS. Os adolescentes tendem a iniciar o comportamento por conhecer ou por sugestão de outra pessoa.

OBJETIVOS: Estimar a prevalência de ANS ao longo da vida entre adolescentes e verificar sua associação com postagens nas redes sociais que retratassem pessoas realizando autolesões. O estudo foi transversal, com abordagem quantitativa, realizado com adolescentes do ensino médio.

MÉTODOS: Avaliou-se a ocorrência de ANS ao longo da vida através de uma pergunta. Foi perguntado também se os participantes já haviam visto postagens nas redes sociais que mostrassem alguma pessoa realizando ANS, bem como se conheciam algum amigo que já teve ANS. Ainda, foi utilizada a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (EDAEE) para avaliar sintomas depressivos, ansiosos e de estresse na amostra. Análises descritivas e bivariadas foram realizadas usando teste qui-quadrado através do software Stata 14.0

RESULTADOS: A amostra contou com 571 participantes. A prevalência geral de ANS foi de 34,8 % ao longo da vida, sendo maior em estudantes do sexo feminino, de séries iniciais do ensino médio e que tinham maior ocorrência de sintomas de ansiedade, estresse e depressão. Dentre os adolescentes que haviam tido ANS ao longo da vida, 70% relataram terem visto postagens nas redes sociais e 90% tinham algum amigo que já realizou ANS.

CONCLUSÃO: O estudo demonstra que a ANS em adolescentes escolares é um problema que merece atenção. As redes sociais parecem funcionar como um ambiente de disseminação da prática, onde os adolescentes compartilham seu sofrimento e as formas de auto lesionar-se. Assim, pode-se sugerir que a ANS possui uma característica de contágio social entre os adolescentes, o que contribui para a gravidade da temática. O desenvolvimento de políticas públicas de saúde mental específicas para os adolescentes deve ser incentivado.

2473

PERCEPÇÕES DE RISCO DE CONTÁGIO E TRANSMISSÃO DO HIV EM USUÁRIOS DE ÁLCOOL E CRACK COCAÍNA

SUÉLEN SOARES FERNANDES; JAQUELINE BOHRER SCHUCH; DANIELA BENZANO BUMAGUIN; JÉSSICA AZEVEDO GUADALUPE; FERNANDO P. REBELATTO; JULIANA NICTERWITZ SCHERER; FELIX HENRIQUE PAIM KESSLER; FLAVIO PECHANSKY; LISIA VON DIEMEN LDIEMEN ;
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: Nos últimos anos, a incidência de HIV no Brasil vem aumentando lentamente, e apesar dos esforços voltados a prevenção, as taxas de infecção em homens não diminuíram como nas mulheres. Estudos sustentam que as percepções de risco de infecção ainda são relativamente baixas e a população ainda engaja em situações de risco, especialmente as vulneráveis. Objetivo: Verificar a relação entre comportamentos de risco associados à transmissão de HIV com a preocupação de contágio e/ou transmissão do vírus em uma amostra de usuários de álcool e crack cocaína. Metodologia: A amostra inclui 293 homens com diagnóstico de transtorno por uso de substâncias (n=174 álcool, n=49 crack cocaína), internados em um hospital universitário especializado em dependência química. Os participantes assinaram termo de consentimento e responderam ao questionário RAB (versão traduzida do risk assessment battery) que avalia exposição a situações de risco para HIV. Os seguintes fatores de risco foram avaliados: uso de drogas injetáveis, uso de preservativo e número de parceiros sexuais. Material biológico foi coletado para o diagnóstico de HIV. As análises estatísticas foram realizadas através do teste qui-quadrado ($p < 0,05$). Resultados: A prevalência de HIV foi de 4,6%. Dos indivíduos HIV positivos, 76,9% mostrou-se